

O ANARQUISMO SEM ADJETIVOS: A TRAJETÓRIA LIBERTÁRIA DE ANGELO BANDONI ENTRE PROPAGANDA E EDUCAÇÃO

ANARCHISM WITHOUT ADJECTIVES: THE PATH LIBERTARIAN OF ANGELO BANDONI BETWEEN ADVERTISING AND EDUCATION

Bruno Corrêa de Sá e Benevides *

Resumo: Este trabalho trata da reconstrução biográfica do anarquista italiano Angelo Bandoni, que viveu no Brasil no período compreendido entre 1900 e 1944. Responsável por editar alguns periódicos que atingiram notoriedade entre o operariado, sobretudo nas cidades de São Paulo e Rio Janeiro, Bandoni também ficou reconhecido por organizar uma das primeiras experiências de escola no país atravessada por concepções libertárias. Apesar de sua forte tendência antiorganizacional, busca-se compreender a sua ação enquanto militante para além das vertentes do anarquismo (individualista ou as associativas), evitando a sua classificação de maneira rígida, inexorável e até mesmo teleológica dentro do movimento libertário. Com base nessa perspectiva, acredita-se que a melhor descrição de Angelo Bandoni seja a de um “anarquista sem adjetivos”, na medida em que ele mesmo não definiu rigorosamente a sua posição dentro do anarquismo. Com base em documentos pessoais, folhetos e uma vasta publicação tipográfica da qual Bandoni foi o editor-chefe, pretende-se não apenas remontar os acontecimentos cotidianos da vida desse militante, mas reconstruir, através da micro-história, a trajetória desse personagem dentro do movimento operário brasileiro, ressaltando suas convicções pessoais acerca da conjuntura política a qual a classe trabalhadora estava inserida e procurando demonstrar como seus textos foram capazes de contribuir na propagação de ideais libertários e na emancipação proletária.

Palavras-chave: anarquismo; Angelo Bandoni; biografia;

Abstract: This work deals with the biographical reconstruction of the Italian anarchist Angelo Bandoni, who lived in Brazil in the period between 1900 and 1944. Responsible for editing some journals that reached notoriety among the working class, especially in the cities of São Paulo and Rio de Janeiro, Bandoni was also recognized for organizing one of the first school experiences in the country crossed by libertarian ideas. Despite of his strong antiorganizacional trend, it has been tried to understand his action as militant beyond strands of anarchism (individualist or associative), preventing their classification rigidly, relentless and even teleological within the libertarian movement. Based on this perspective, it is believed that the best Angelo Bandoni description is that of a “anarchistic without adjectives”, in away that he himself has not definined his strict posicion in the anarchism. Based on personal documents, brochures and a wide typographic publication which Bandoni was the editor in chief, not intended only reassemble the daily events of the life of this militant, but

* Mestrando em História pela Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/UNIRIO). Licenciado em História pela mesma instituição de Ensino Superior. E-mail: brunoebenevides@gmail.com

rebuild, through micro-history, the history of this character within the Brazilian labor movement, emphasizing their personal beliefs about the political situation which the working class was inserted and trying to demonstrate how their texts were able to contribute to the spread of libertarian ideals and proletarian emancipation.

Key words: anarchism; Angelo Bandoni; biography;

Apresentação

O nome Angelo Bandoni vem aparecendo em diversos trabalhos onde o tema tratado é atravessado quer seja pela história do movimento operário, especialmente na primeira República, quer seja pela história do anarquismo no Brasil neste mesmo período (BLAY, 1985; PRADO, 1986; LOPREATO, 1996; MARAM, 1979; CARNEIRO; KOSSOY, 2003 e TRENTO, 1989).

Via de regra, Bandoni tem sido associado a um anarquista que contribuiu intensamente na organização do movimento dos trabalhadores, sendo responsável pela edição de periódicos libertários importantes para a propaganda do anarquismo. Além disso, alguns historiadores tendem a considerá-lo um anarquista avesso à organização, por vezes individualista e a destacar a sua atuação como educador (FELICE, 1994; BIONDI, 1994; LEAL, 2006; NASCIMENTO, 2000).

Apesar desses trabalhos historiográficos, uma pergunta teima em permanecer: quem foi Angelo Bandoni? Inexistem no Brasil pesquisas que tenham se dedicado a compreender a sua trajetória biográfica e a realizar uma análise profunda sobre os seus artigos deixados nos periódicos. Apesar dos estudos que analisaram a sua prática pedagógica e os seus escritos tipográficos, tudo o que foi escrito sobre este anarquista apenas tangenciou as questões centrais sobre a história de sua vida (FELICE, 1994; BIONDI, 2011; BIONDI, 1994).

O *hall* da fama do anarquismo paulista nos primeiros anos da República é composto por militantes emblemáticos como Gigi Damiani, Oreste Ristori e Edgard Lourenth, que em razão de suas ações aguerridas despertaram interesse na produção de trabalhos biográficos¹. Para alguns historiadores e memorialistas, o nome Angelo Bandoni também se insere nesse grupo. Entretanto, o estudo de sua trajetória de vida apenas foi ressaltado por historiadores estrangeiros, mesmo assim sem uma dedicação exclusiva (FELICE, 1994 e BIONDI, 1994).

Portanto, a proposta deste artigo é apresentar, de forma sintética, Angelo Bandoni, destacando a sua origem social (italiana), a sua vinda para o Brasil, a sua produção como articulista, as ações como professor, a sua aproximação em relação ao anarquismo e, por fim, a sua posição dentro deste movimento.

Uma Biografia

Além da pretensão de apresentar a sua biografia, a pergunta que permeia este trabalho é o que foi o movimento anarquista para Angelo Bandoni? Ou melhor, qual foi a sua posição dentro deste movimento?

Encontrar respostas para tais indagações só é possível por meio da utilização da micro-história e de sua vertente biográfica. Em razão do estruturalismo que dominou os estudos historiográficos entre as décadas de 1950-60, o uso da biografia caiu em desuso, uma vez que, de acordo com aquela perspectiva, os indivíduos não poderiam ser considerados como objeto do estudo da História (LORIGA, 1998, p. 225).

A partir da década de 1980, com a abordagem concedida pela Nova História, a biografia retornou ao cerne das pesquisas. Esse reavivamento está diretamente relacionado com a reação contrária ao estruturalismo, inclusive na História, e um despertar de interesses por temas que permitissem “reconstruir um fragmento do que se costuma denominar ‘cultura das classes subalternas’ ou ainda ‘cultura popular’” (GINZBURG, 2005, p. 11). Foi levando em conta essa perspectiva que a micro-história, enquanto teórico-metodológico, ganhou força.

Segundo Giovanni Levi, a micro-história é essencialmente baseada na redução da escala da observação, por meio de uma análise microscópica “e em um estudo intenso do material documental”, porém sem perder de vista a “escala do espaço social de cada indivíduo” (LEVI, 1992, p. 136). Outro ponto que marcou o estudo micro-histórico foi a opção feita pelos historiadores quanto à forma da escrita, na medida em que a escolha pela narrativa e até mesmo a utilização de recursos literários são recorrentes, não por um critério estético, mas como estratégia que “convida o leitor a participar da construção de um objeto de pesquisa” (REVEL, 1998, p. 34-35).

Deste modo, a nova abordagem biográfica não é mais uma narrativa dedicada às glórias nacionais, como no século XIX, muito menos dedicada à trajetória de personagens modelos de uma “conduta moral”. De acordo com Sabina, a característica fundamental da nova biografia consiste nas diversidades históricas de sujeitos que integram um mesmo grupamento social. A “biografia coral”, um tipo de biografia proposta pela autora, enxerga o indivíduo em suas características particulares e de forma fragmentada. São as ações individuais, que revelam uma nova possibilidade a essa biografia, consagrando o fim das “homogeneidades aparentes” (LORIGA, 1998, p. 249).

Sendo assim, a atuação de Angelo Bandoni entre o proletariado organizado no Brasil, especialmente em São Paulo, apenas será compreendida se levado em conta que os seus movimentos não estavam rigidamente determinados em razão das forças exercidas pelas superestruturas, mas visto como um indivíduo possuidor de escolhas e possibilidades. A sua trajetória enquanto anarquista fala por si só, pois simbolizou uma eterna luta para escapar das “homogeneidades”. Por isso, nesses casos, é essencial uma análise do micro, pois possibilita entender o “ponto fora da curva”, e Bandoni, assim como outros anarquistas, deve ser encarado sob tal perspectiva.

Por outro lado, o uso da micro-história possibilita a compreensão do macro. Em outras palavras, além de realizar um estudo da trajetória biográfica de Bandoni e dos seus escritos, essa proposta permite entender como uma parcela do operariado, sobretudo àquela adepta ao anarquismo, contribuiu na organização dos trabalhadores nas primeiras décadas do século XX, explicando também a momentânea proeminência da *cultura libertária* em relação aos demais movimentos de esquerda.

Germinando o anarquismo – Itália

Angelo Bandoni, nasceu em 2 de julho de 1868 em Bastia, uma cidade localizada ao norte da ilha da Córsega na região do mar Mediterrâneo². A ilha da Córsega, até o ano de 1769, sofreu grande influência política de diversos reinos, principalmente os italianos ainda não unificados, quando a partir desta data passou a pertencer ao domínio da França (REY, 2008, p. 5). Essa informação possui grande relevância, na medida em que demonstra ser Bandoni francês de nascimento, mas de cultura italiana³.

Apesar de ter nascido na Córsega, Bandoni tinha origem italiana por parte materna e paterna, pois ambos eram de Livorno⁴. Pelo tempo que viveu em Bastia, é bem provável que fosse bilíngue, sendo conhecedor tanto do francês (talvez o corso) quanto do italiano. Após o nascimento de Angelo, a família Bandoni viveu na ilha francesa por mais 18 anos, quando ele, seu pai (Giovanni Bandoni) e seu irmão migraram em direção à Itália.

O motivo da imigração da família também é incerto, o mais provável seja o momento tenso nas relações diplomáticas vividas entre a Itália (nesse momento já unificada) e a França. Essa situação internacional fez com que aumentasse o conflito interno na ilha entre franceses e estrangeiros (a maioria italiana) produzindo um xenofobismo arraigado (REY, 2008, p. 12).

Outro ponto nebuloso é a origem social e econômica de Angelo Bandoni. Seu pai, durante os anos em que viveu em Bastia, era *marbrier*⁵, uma espécie de artesão que trabalha com mármore cuja habilidade possivelmente tenha sido adquirida na região da Toscana, possuidora do maior polo marmoreiro da época em Carrara. Já Assunta Casanova, sua mãe, não deixou pistas sobre a sua trajetória.

De Bastia, a família Bandoni chega à cidade de La Spezia e se estabelece na região no ano de 1886. A trajetória de Angelo na Itália é um conjunto de “idas e vindas”. No momento em que aporta na península itálica, o anarquismo estava fervilhando e sofria intensa repressão por parte das autoridades italianas. No final do século XIX, o país era possuidor de uma massa trabalhadora ainda predominantemente agrária e artesã, que passava por grandes dificuldades e uma miséria crescente. O processo de industrialização na região norte do país e as periódicas crises econômicas geraram um expurgo de proletariados desempregados provocando uma profunda desigualdade social e entre regiões (BIONDI, 2011, p. 39-40 e HOBBSWAM, 2013, p. 183-184).

Tais condições favoreceram o desenvolvimento do movimento anarquista, sobretudo nas regiões da Toscana (seu berço), Firenze, Prato, Livorno, Massa, Carrara e dali foram ampliando o seu raio de propagação por toda a península até 1898 (ver: LEVY, 1999, p. 7), quando experimentou o seu processo de enfraquecimento em razão de uma intensa repressão. Fator preponderante no desenvolvimento dos ideais libertários foi a passagem de Bakunin na Itália entre os anos de 1864 a 1867, cujos ensinamentos colaboravam na formação de dois dos maiores expoentes do anarquismo italiano – Errico Malatesta e Carlo Cafieiro (PERNICONE, 1993, p. 3-4).

Segundo Carlo Romani, uma das características essenciais do proletário italiano do final século XIX foi o estabelecimento de um nexo entre o pensamento e a ação, onde a camada mais baixa do proletariado, os *braccianti* (trabalhadores, jornaleiros ou boia-fria), em “contato com um discurso teórico do socialismo, apropriou-se gradativamente das premissas teóricas anarquistas rejeitando, porém, as práticas de luta da pequena burguesia”. Ainda segundo o autor, o modelo de reação adotado por esse novo contingente anarquista contra a “exploração de quem os dominava passou a ser sistemática: a realização de furtos campestres e o incremento dos bandos armados” (2002, p. 32). Essa perspectiva justifica

os incêndios e os atos de sabotagem como fazendo parte de uma ação coletiva coordenada e não mais somente de práticas individuais movidas pela fome e desespero. É dessa união entre as práticas isoladas adotadas pelos *braccianti*, com a teoria que sustenta o discurso libertário de ação direta, que surge um embrião socialista não legalitário entre estas camadas despossuídas da população (p. 32).

Por consequência, duas vertentes do anarquismo na Itália se desenvolveram. O individualismo, aqui incluídos os insurrecionalistas, já desde a década de 1870 quando da perseguição aos trabalhadores internacionalistas após o fim da Comuna de Paris, e o chamado anarco-comunismo, a partir da concepção originária de Kropotkin e muito defendido por Malatesta desde seu regresso da Argentina ao final da década de 1880. Como a corrente individualista foi mais forte até quase o final do *dezenove*, percebe-se certa proximidade de Angelo Bandoni com esta vertente, tendo em vista algumas de ações à época de sua estadia na Itália. E que ações foram essas?

O jovem Bandoni não tinha endereço e nem destino certo, transitando por distintos lugares da costa tirrênica norte italiana. Todos esses sítios inclusive sob grande influência do anarquismo. Depois de registrar a sua primeira aparição em La Spezia (1886), os registros policiais apontam que havia sido preso na comuna de Lucca (1887), na região da Toscana, por contrabando de moeda falsa permanecendo privado de sua liberdade até final de 1890. Tendo cumprido a sua pena, Bandoni retorna pela segunda vez à La Spezia⁶.

No mesmo ano que foi posto em liberdade, Bandoni foi condenado a cinco anos de reclusão por furto, roubo e uso de documento falso. Só que desta vez cumpriu pena na Argélia, colônia administrada pelo Estado da França, já que era francês nato. Em 1895, após ter saído da prisão, retorna pela terceira vez a La Spezia, ocasião em que foi novamente preso (por nove meses) e foi definitivamente expulso da Itália. Entre os anos de 1895 a 1900 há divergências nos registros policiais. Uma versão menciona que durante este período migrou clandestinamente para a Argentina, retornando à Itália anos depois. A segunda versão diz que veio para o Brasil e posteriormente retorna à comuna de La Spezia⁷.

Apesar de tal divergência, cabe chamar a atenção para o grande número de delitos praticados por Bandoni. Na história do anarquismo, tanto na Itália quanto em determinadas ocasiões no Brasil, era comum ao militante anarquista, sobretudo quando adepto da vertente individualista, valer-se da prática do furto justificado como ação em prol de uma sociedade “na qual será abolido o privilégio da propriedade privada” (ROMANI, 2002, p. 40-42).

Em maio de 1898, uma forte onda de repressão assolou os anarquistas. Com a deflagração da revolta contra o aumento do pão, as forças do rei Umberto I acertaram o cerne do movimento libertário na tentativa de reprimir os “subversivos”. Desta forma, iniciou-se uma sequência de expulsões e prisões por todo o país. Além disso, foi necessário empurrar essa massa proletária para um lugar distante e amenizar as tensões internas, o que foi providenciado pelo governo italiano através da imigração em massa para a América (LEVY, 1999, p. 6). Foi exatamente nesse contexto conflitante e de grande repressão, que Bandoni teve a sua expulsão decretada.

Um outro ponto não muito claro é o momento em que Bandoni adquiriu *capital simbólico* que lhe permitiu inserir-se no *campo* do movimento anárquico. Teria sido durante os anos de vivência na Itália? Na prisão na Argélia (nas colônias penais) onde possivelmente manteve contato com indesejáveis, incluindo aí outros anarquistas? Ou teria sido a “experiência partilhada”, nas palavras do historiador E. P. Thompson (2004, p. 10), com outros militantes que também migraram ao Brasil – Gigi Damiani, Oreste Ristori, Alessandro Cerchiai, Nene Vasco, Tobia Boni, etc. – que fez com que sua ação dentro do anarquismo ganhasse fôlego? Não importa. O que deve ser considerado é que a germinação das concepções libertárias é um processo contínuo, uma maturação sempre constante, seja qual for o ambiente social em que Bandoni tenha vivido (no estrangeiro ou no Brasil).

Segundo as informações policiais da prefeitura de Livorno, Bandoni era um *sedicente professore*⁸, ou seja, que dizia ser professor apesar de não ser ou não ter a formação, contudo é uma questão embaraçosa entender como e onde aprendeu a ler e a rabiscar as primeiras letras do alfabeto. Carlo Romani ressalta dados sobre o ambiente social vivenciado na Itália no final do século XIX que podem conferir luz ao caso:

(...) o aumento do desemprego ocorrido no início da década de 1880 acabou trazendo outros elementos aos bares, engrossando assim o caldo humano integrante deste ambiente da “cultura da praça”. São o estudante, o jornalista e o artesão empobrecido, que fechou seu negócio e perdeu seus clientes, também empobrecidos, que desceram, por necessidade, à categoria de trabalhadores diaristas, eventuais, à cata de um esporádico trabalho que viesse a surgir. Frequentadores dos cafés, um bar um pouco mais sofisticado, um espaço mais recente de convivência, onde liam os jornais e travavam discussões sobre a política italiana, esta pequena burguesia decadente passa a ser um outro pilar de propaganda do anarquismo, fazendo circular os periódicos do movimento e trocando informações com os ativistas proletários (2002, p. 32).

Durante o período em viveu na Itália, possivelmente Angelo Bandoni tenha bebido desse caldo cultural e com isso tenha aprendido a ler e a escrever sob uma série de tentativas e erros. Por meio de periódicos e panfletos que circulavam entre a massa proletária, beneficiando-se, ainda, do contato com outros ácratas alfabetizados e adquirindo um conhecimento sobre cultura geral em enciclopédia e livros clássicos de escritores libertários, pouco a pouco foi forjando-se como anarquista.

Esse primeiro contato com a escrita e a leitura que possivelmente ocorreu durante os anos em que transitou por diferentes regiões do norte da Itália, somado a um oportunismo, visto que no Brasil encontrou solo fértil e pouco explorado, serão encarados aqui como elementos que determinarão sua ação anarquista como editor e educador neste país.

Seja como for, muito dos seus textos publicados nos periódicos ou mesmo em opúsculo permitem conhecer obras e autores os quais manteve contato, sua forma de escrever, e seu nível de conhecimento cultural, mas a questão ainda permanece aberta.

Ação libertária no Brasil

No dia 05 de maio de 1900, Angelo Bandoni aportou no porto de Santos, no Estado de São Paulo, a bordo do vapor *Città di Genova*⁹. Veio sozinho em busca de novos rumos na América. Tinha apenas 30 anos e do Brasil jamais se mudou, permanecendo no país por mais de 45 anos.

Diferente de inúmeros outros imigrantes de origem italiana que penetraram no solo brasileiro, Bandoni não veio “fazer a América” em busca de novas oportunidades de trabalho e prosperidade (TETI, 2001, p. 576). Teria vindo, então, ajudar na disseminação da anarquia nos trópicos, já que o movimento estava em franca expansão? Bem, talvez. O mais certo é que o Brasil serviu de refúgio, pois já havia sido condenado à pena de prisão pela justiça francesa e italiana, sendo inclusive expulso da Itália. Sem rumo e sem direção, o jeito foi apostar no continente americano.

Quando chegou ao país, residiu em uma área rural na zona oeste do Estado de São Paulo, Água Virtuosa¹⁰. Possivelmente nesse momento deve ter trabalhado no campo como colono agrícola, fenômeno muito comum junto aos italianos recém-chegados ao país no final do *oitocentos*. Em um segundo momento, muda o local de sua residência para o centro urbano paulistano, mais especificamente no bairro do Bom Retiro (região onde abrigou grande quantidade de imigrantes italianos)¹¹.

A escravidão havia sido recentemente abolida (1888) e a República acabara de ser proclamada (1889) quando adentrou ao país. O parque industrial nacional ainda era muito incipiente e se restringia ao Estado de São Paulo e Rio de Janeiro. Quer dizer, o movimento de trabalhadores operários ainda estava germinando (SAMIS, 2004 p. 137). Portador de certo *capital* libertário adquirido no exterior, assim como diversos militantes, Bandoni contribuirá ativamente na formação da massa trabalhadora organizada, sobretudo propagando as ideias anarquistas.

As suas ações libertárias tiveram maior ênfase na propaganda e na informação dos trabalhadores. As práticas mais subversivas e diretas, aquelas cometidas no estrangeiro, haviam sido deixadas para trás. Entrava em cena agora um novo Bandoni, mais intelectualizado e maduro. Tanto é assim, que durante o período em que esteve no Brasil, escreveu em diversos periódicos e também foi responsável pelas edições de alguns outros que ganharam notabilidade. Além disso, realizou conferências, organizou escolas e ainda teve tempo para escrever poesias.

A título de conhecimento, cabe realizar um breve panorama cronológico¹² dos seus escritos. Sua ação anarquista como articulista é intensa desde os meses em que pôs os pés em solo brasileiro. Em novembro de 1900 assina alguns artigos no periódico *Palestra Social*, cuja direção pertencia ao anarquista Tobia Boni. No ano seguinte, em maio de 1901, realizou a sua primeira conferência no Brasil, *Ragio e Amore*. Naquele mesmo ano, atua na formação de *Circolo Educativo Libertario Germinal*, o qual realiza no dia 21 de julho a conferência *La Protesta Umana*, que inclusive veio a ser publicado como o seu primeiro opúsculo. Produto do círculo libertário Germinal, em fevereiro de 1902, Bandoni funda um periódico com o mesmo título, exercendo a sua direção até a edição de n.11, quando Duilio Bernardoni o substitui nessa função. Bandoni volta a dirigir o periódico (a partir da edição n. 1 do ano III) até março de 1904, quando finalmente o jornal deixa de circular.

Em outubro de 1902, Bandoni reaparece como redator do suplemento do periódico *Germinal – La Gogna*, que possuiu apenas um único número. Em novembro do mesmo realiza uma terceira conferência em homenagem aos Mártires de Chicago, o que segundo consta, contou com participação de cerca de oitenta expectadores. Dessa conferência, resultou a publicação de um segundo opúsculo, *I Martiri di Chicago*. Depois dessa segunda conferência, Bandoni ainda realizou mais três outras: *Quatro fasi dela Protesta Umana*, *Pro e*

Contra L'esistenza di Dio e, por fim, *Egoismo e Altruismo*. Algumas delas são propagandeadas nas páginas do famoso jornal *O Amigo do Povo* do anarquista Neno Vasco.

A partir de 1904, contribuiu recorrentemente nas páginas do implacável jornal editado por seu grande companheiro de luta Oreste Ristori, o *La Battaglia* (ROMANI, 2002, p. 177). Neste grupo, Bandoni passou a escrever ao lado de anarquistas que tiveram grande atuação na imprensa libertária. Além do próprio Ristori, teve contato com o antigo amigo Duilio Bernardoni, Tobia Boni, Alessandro Cerchiai e Gigi Damiani. Quando o *La Battaglia* chegou a seus momentos finais (1912), passa a ser editado sob outro nome – *La Barricata*, o qual teve sobrevida até outubro de 1913. Bandoni também participou como redator em algumas edições.

Em julho de 1913, faz presença no periódico organizado pelo anarquista Alessandro Cerchiai, *La Propaganda Libertaria*. Dois anos depois, em 1915, Bandoni organizou o periódico *Guerra Sociale*, que ousaria fazer às vezes do *La Battaglia* de Ristori. Foi diretor-responsável até a edição de n. 16, quando Gigi Damiani assume a direção. Este jornal durou até o ano de 1917 e teve papel crucial na organização da greve geral de São Paulo em 1917. No ano de 1919, editou o jornal *Alba Rossa*, contribuindo até a edição de n. 11. O jornal teve breve duração, intercalada por sucessivas interrupções, encerrando as suas atividades definitivamente em 1934. Bandoni havia deixado o *Alba Rossa* em 1919 para dar prosseguimento ao seu antigo periódico – o *Germinal!*, que encerra no mesmo ano. Seu último escrito que se tem conhecimento é o quarto opúsculo intitulado, *La Fatalità Storica dela Rivoluzione Sociale*, publicado em 1921¹³.

“Individualismo”?

De acordo com uma historiografia sobre o anarquismo desenvolvida até a década de 1980, as correntes anarquistas dividem-se, grosso modo, em individualistas e associacionistas. Enquanto os “primeiros, genericamente, rejeitavam toda e qualquer forma de organização política como instrumento de ação”, os segundos entendiam ser crucial “a existência de uma estrutura organizativa mínima dentro da sociedade, sem que esta implicasse em relações de autoridade e hierarquia” (ROMANI, 2002, p. 40-42).

No tocante às tendências associativas do anarquismo, podemos localizar duas correntes que passaram a ser conhecidas como anarco-comunista, com forte aproximação aos aportes teóricos de Kropotkin e Malatesta; e uma segunda que utilizava a organização sindical

como tática de luta, e foram muito influentes no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, onde editaram o periódico *A Voz do Trabalhador*. Em São Paulo, a forte tradição italiana no movimento anarquista e a divisão no país de origem entre anarquistas nos sindicatos, tese defendida por Malatesta e Luigi Fabri, e sindicalistas revolucionários, prática rechaçada pelos anarquistas italianos até 1912, ano de fundação da USI, Unione Sindacale Italiana, devido à ascendência do PSI (Partido Socialista Italiano) sobre esses sindicalistas, repercutiram no debate paulista sobre a organização ou não dos anarquistas dentro dos sindicatos. Basicamente, a principal diferença entre esses dois grupos diz respeito às suas concepções acerca da pertinência da função dos sindicatos para o desenvolvimento de um processo revolucionário.

Pelo que se vê, há um esforço dos especialistas, tal qual um naturalista-botânico do século XVIII habilidoso na arte da taxonomia, em catalogar os militantes em vertentes, e dessa tendência classificatória as ações de Bandoni não ficariam de fora.

Isabelle Felice, por exemplo, definiu “o professor” como um antiorganizador clássico em razão da sua constante crítica em relação ao “aspecto negativo da organização operária” (FELICI, 1994, p. 134). Tem razão a autora, pois o próprio Bandoni, em seu jornal *Germinal* defendeu que “estruturadas como estão, as organizações [sindicais] não podem resultar em nada de concreto, pois as reuniões acontecem com pouca frequência e raramente leva a qualquer debate sério”¹⁴.

Em razão de tais críticas tal perspectiva poderia levar a um julgamento precipitado ao tentar definir Angelo Bandoni como sendo um anarquista avesso a qualquer forma de organização, e por vezes individualista. Entretanto, apesar da intensa crítica, uma análise de sua ação anarquista revela um afastamento exclusivamente em relação às organizações verticais e centralizadas, como sindicatos¹⁵, partidos e outras que tendem à centralização sem, contudo, rejeitar uma organização mínima dentro do movimento operário.

Pensando nisso é que o individualismo utilizado neste artigo e supostamente atribuído ao Bandoni foi grafado com aspas, possibilitando repensar a sua posição entre os libertários. Classificar Angelo Bandoni, ou qualquer outro ácrata, dentro de uma vertente de maneira rígida, inexorável e até mesmo teleológica dentro de sua trajetória no movimento proletário é, no mínimo, arriscado, principalmente se o próprio militante não buscou realizar uma tarefa de auto adjetivação. Com base nessa perspectiva, acredita-se que a melhor descrição de Angelo Bandoni seja a de um “anarquista sem adjetivos”¹⁶, na medida em que o próprio Bandoni não

definiu rigidamente a sua posição dentro do anarquismo, apesar das críticas feitas às organizações sindicais.

Como defendeu Pierre Bourdieu, a trajetória biográfica de qualquer indivíduo é repleta de variações, onde o mesmo ser é capaz de transitar por diferentes campos e por distintas zonas no interior do mesmo campo (BOURDIEU, 2006, p.183-191). Neste mesmo sentido, segundo Carlo Romani:

A biografia, enquanto gênero histórico, existe justamente devido a esses indivíduos que, independentemente das relações de classe ou poder, ousaram reclamar para si próprios a condução de suas vidas, de suas histórias pessoais, interferindo e transformando, desta forma, o desenvolvimento de uma história mais ampla, geral. Portanto, torna-se terreno fértil para uma biografia histórica aquela trajetória individual que foge à expectativa do mais genérico e singulariza-se durante sua existência, pois permite que vislumbremos devires ao acontecimento que não foram ainda institucionalizados pela história. Em outras palavras, coloca a prática da história como aquilo que ela tradicionalmente não o é: desestabilizadora do presente reinventando o passado socialmente instituído (2016, p. 19).

O mesmo “antiorganizador” Bandoni, por exemplo, esteve envolvido constantemente com diferentes grupos editoriais de distintas vertentes libertárias. Por vezes mostrou-se fiel as suas afirmações sobre o anarquismo e as críticas às organizações, mas em outra ocasião chegou a defender, já no final de sua vida, a ditadura do proletariado dentro do anarquismo:

(...) ‘A ditadura proletária opõe a propaganda pela constituição das Comunas Libertárias’
- Que discurso é esse?
A ditadura proletária é um meio, A Comuna libertária é um fim;
(...)
A ditadura proletária é a coroação política da guerra de classes; é a afirmação vitoriosa e fecunda da fé na redenção civil (...).
A ditadura proletária é a invocação, é pura, é lúcida (...)’¹⁷.

Como é cediço, ditadura, ainda como um instrumento da revolução e não um fim em si mesma, conforme defendeu o editorial do jornal, se afasta em muito da proposta libertária do anarquismo. Seja como for, é um erro enquadrar Angelo Bandoni rigidamente dentro de uma vertente e não compreender cada um de seus passos isoladamente e ao mesmo tempo dentro de uma teia e relacioná-la com a realidade histórica de cada momento.

“O Professor”

Além de grande articulista, Bandoni também tem sido reconhecido por suas ações no campo da educação libertária. A sua prática pedagógica, que vai se aperfeiçoando e se profissionalizando com o decorrer do tempo de estadia no Brasil, ganhou reconhecimento, inclusive, no interior da comunidade italiana a qual fez parte.

Após ter-se deslocado do interior paulista em direção ao centro urbano da capital paulistana, Bandoni passa a ser reconhecido pela alcunha: o *professor*, tamanho o seu vínculo com a arte do ensino (GATTAI, 1994, p. 132). Essa experiência pedagógica foi sendo adquirida na prática cotidiana e na aplicação de um método específico baseado em suas leituras.

Seja como for, já nos primeiros anos de Brasil, o *professor* desenvolveu algumas, se não a primeira, experiências de escolas inspiradas nas concepções libertárias. Foi no então bairro em que residia – Bom Retiro – que fundou a Escola Libertária Germinal. A notícia sobre a escola reverberou pela imprensa anarquista, que inclusive passou a noticiar informações que revelam alguns detalhes de seu funcionamento e localização. Foi o caso do periódico Amigo do Povo de 26 de janeiro de 1904:

Há 15 meses que funciona com êxito verdadeiramente surpreendente no Bairro do Bom Retiro (Rua Solon, 138) uma escola elementar racionalista, para ambos os sexos. A praticabilidade e a rapidez dos métodos aplicados nesta escola souberam despertar tantos interesses e tantas simpatias que, hoje, um bom núcleo sempre crescente de homens de boa vontade assegurem o material escolar para distribuir, gratuitamente, todo o ano, aos alunos e - com uma cota mensal de 500 réis a título de incitamento - permite reduzir o pagamento mensal de cada criança a 2\$500 réis. Quem duvide da superioridade do ensino libertário sobre quaisquer outros métodos, é convidado a visitar a nossa escola, das 9 horas ao meio-dia e da 1 às 3 da tarde. Trabalhadores: Pensai no futuro de vossos filhos.¹⁸

A *Escola Libertária Germinal* teve funcionamento até junho de 1905, quando foi obrigada a interromper suas atividades, pois não conseguiu mais se sustentar financeiramente. Porém, o aguerrido *professor* não desistiria tão fácil. Dois anos depois, deu continuidade ao seu projeto inicial. Seguindo os mesmos moldes da experiência anterior, em setembro de 1907 pôs em funcionamento a segunda fase da *Escola Libertária Germinal*. Novamente a inauguração ganhou as páginas da imprensa anarquista, só que nessa vez foi nas páginas do jornal *La Battaglia*:

Estamos, de verdade, honrados de poder anunciar, que por plausível iniciativa de um grupo de voluntários - virá reaberta no rincão do Bom Retiro, A ESCOLA LIBERTÁRIA GERMINAL. Os iniciadores estão organizando uma quermesse libertária para fazer frente às despesas de implantação.¹⁹

O objetivo das escolas adeptas às concepções libertárias era ocupar um espaço onde o poder público ainda não atuava, já que a educação pública, nos primeiros anos da república, resumia-se a algumas “escolas existentes nas áreas burguesas da cidade que dificilmente conseguiam ser frequentadas pelos filhos dos operários” (ROMANI, 2002, p. 179). Agindo em outra zona onde ação Estatal era omissa, a Igreja oferecia o seu ensino clerical pago para a parcela restante da burguesia (CODELLO, 2007, p. 232).

Diante da escassez de oportunidades, restava ao filho do operário tentar uma remotíssima vaga na escola oficial ou pagar caro pelo ensino religioso. Em verdade a maioria dos filhos do proletariado não frequentava a sala de aula. Nesse ambiente era propício o desenvolvimento de uma educação de base popular de tendência libertária, buscando garantir um mínimo de educação aos filhos do operariado e fazer frente às realidades sociais.

Entretanto, não se tratou de qualquer modelo educacional. Reinava entre o proletariado adeptos dos ideais libertários a educação racional. Este modelo por sua vez representou um ensino de caráter científico, empírico, onde os anarquistas “concebiam a escola como uma comunidade que deveria estar organizada segundo os valores fundamentais de uma sociedade libertária” (GALLO, 2012, p. 10). Ou seja, igualdade, liberdade, solidariedade, anticlericalismo e antiestatal deveriam ser os pilares da comunidade escolar. Além disso, as escolas racionais caminharam na vanguarda e inovaram implementando modelos de ensino que possibilitavam o convívio de crianças de sexos diferentes na mesma sala de aula.

A proposta mais importante das escolas libertárias era promover um tipo de ensino onde não servisse de modelo propagador de um controle social, cujo objetivo fosse a fabricação de indivíduos dóceis, que seriam aqueles possuidores de um corpo passível de ser utilizado, transformado e ao mesmo tempo aperfeiçoado por aqueles que exercessem qualquer espécie de dominação, seja a Igreja, o Estado, etc. Para Michel Foucault, esse controle minucioso sobre o indivíduo, impondo-lhe uma relação de docilidade-utilidade, é

consequência do uso das “disciplinas”, ou seja, medidas que visam criar um mecanismo onde quanto mais obediente o sujeito mais útil ele se torna (1983, p. 126).

Ainda segundo Foucault, o uso das disciplinas podem historicamente ser encontradas em perfeito funcionamento “nos colégios, muito cedo; mais tarde nas escolas primárias; (...) no espaço hospitalar; e em algumas dezenas de anos, reestruturaram a organização militar” (1983, p. 127). Deste modo, as instituições de ensino, sobretudo as religiosas e posteriormente as empreendidas com a emergência dos Estados nacionais, consolidaram papel crucial no controle do indivíduo e na disciplina sobre o corpo. Assim, atos disciplinares desenvolvidos durante o século XVIII e que foram aplicados no interior dos colégios ganham proeminência persistindo, em muitos casos, até os dias atuais:

(...) A ordenação em fileiras, (...), começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar. Filas de alunos na sala de aula, nos corredores, nos pátios; (...) alinhamento das classes de idade umas depois das outras, sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldades crescentes (FOUCAULT, 1983, p. 134).

Justamente pensando em uma educação libertária que não estivesse comprometida na formação de cidadãos e trabalhadores dóceis é que as escolas racionais foram pensadas. O maior propagador de tal modelo escolar foi, sem dúvida, o catalão Francisco Ferrer o qual foi responsável por desenvolver a Escola Moderna de Barcelona, fundada em agosto de 1901. A escola de Ferrer possuía um método próprio de ensino (racionalista). Esta experiência buscava uma prática pedagógica onde predominasse o sentido da cooperação sobre o da competição, onde “a importância dada aos jogos é grande, visto que, por intermédio deles, a criança poderia manifestar seus desejos, aprender a aceitar as diferenças alheias e também solidarizar com os demais” (GONÇALVES, 2007, p. 52).

A característica mais importante do método racionalista era uma aprendizagem que se dava pela experiência por meio de observação e prática, “o que deveria ajudar a criança em seu desenvolvimento espontâneo, sem ideias pré-concebidas, impostas e legitimadoras das injustiças sociais” (GONÇALVES, 2007, p. 53). Os alunos eram instigados a discutir, refletir e analisar os fatos que os rodeavam, a fazer análises críticas que seriam depois sistematizadas em forma de redações.

Voltando aos anarquistas no Brasil, até que o modelo do famoso catalão Francisco Ferrer, com sua escola moderna e seu método racionalista, entrasse em voga entre os ácratas

brasileiros, as primeiras experiências buscaram constituir escolas com métodos e concepções que possuíssem um programa de ensino libertário. O próprio Angelo Bandoni, em sua *Escola Germinal*, aplicou um método de ensino denominado *mnemológico-resolutivo*, que veio sofrer críticas contundentes pelos próprios anarquistas. O método da escola moderna de Ferrer, possuidora de uma maior qualidade, sobretudo do ponto de vista técnico, foi atropelando todas as outras experiências pedagógicas. Até o modelo do Bandoni não resistiu e foi posto em dúvida por seus companheiros. Contudo, esse ainda não era o fim. Com o insucesso das primeiras escolas, o professor ainda esteve envolvido em outros projetos (FELICI, 1994, p. 173).

Antifascista de primeira hora

Os primeiros anos da década de 1920, para fins desse trabalho, representa a última fase das ações de Angelo Bandoni como anarquista aguerrido, principalmente sendo responsável por dirigir um veículo propagandístico da imprensa libertária.

O jovem Bandoni de um passado remoto atingia agora a idade de 50 anos e 20 anos de permanência no Brasil. Aquela década (1920), de um modo geral, foi uma época espinhosa para a classe proletária organizada no país. Após parte do operariado nacional experimentar uma efervescência nas greves gerias de 1917 e 1918, a repressão policial e uma onda de expulsão de estrangeiros²⁰ atingiu em cheio os libertários.

Em seu continente de origem, as coisas não iam nada bem. O fim da Primeira Guerra Mundial havia deixado um espólio terrível de inúmeras baixas, instabilidades políticas e econômicas que contribuíram para o aumento de uma massa proletária ainda mais carente. Para acrescentar, a Revolução bolchevique de 1917 despertou um horizonte de possibilidade de mudança da ordem social. Especialmente no caso italiano, após os anos do *Biennio Rosso*, uma onda reacionária ganhava intensidade com o objetivo de frear a possibilidade de uma revolução social na península itálica. Assumindo a dianteira desse conservadorismo político, emergem os *fasci di combattimento*, germe do Fascismo propriamente dito, comandados por seu líder Benito Mussolini.

Seja no plano internacional ou no Brasil, a resistência a esse conservadorismo autoritário não era um mero capricho, mas sim uma necessidade. O dever chamava o velho anarquista – *o professor*, com seus cabelos brancos tingidos com uma tinta de baixa qualidade (GATTAI, 1994, p. 132). Como um último suspiro, Bandoni no ano de 1919, junto a outros

velhos companheiros, funda o grupo editorial do jornal *Alba Rossa* e renova os laços com a Anarquia, que nesse momento cambaleava enfraquecida e perdera alguns dos seus maiores militantes.

O *Alba Rossa* foi um jornal anarquista com diversas propostas, mas sobretudo com a pretensão de informar os trabalhadores italianos no Brasil acerca dos movimentos revolucionários no mundo e especialmente na Itália. Assumiu também a primazia na luta de resistência ao fascismo (nas edições publicadas a partir 1920), todavia, este embate assumiu uma pretensão secundária nas páginas do periódico.

Momentos Finais

Os últimos momentos da vida de Bandoni não são precisos. Os seus artigos vão pouco a pouco desaparecendo das páginas da imprensa anarquista remanescente. As suas pegadas somem, mas alguns de seus rastros ainda são encontrados até meados da década de 1940. Permanece morando no mesmo bairro (Bom Retiro) com a sua esposa²¹. O local de seu falecimento também é desconhecido. Ao que se sabe, não morreu como um mártir como tantos outros anarquistas²². Provável que tenha deixado a vida pelo avançar da idade, o corpo cansado e vencido pela velhice, mas com a mente convicta de seu anarquismo.

Os anos 1940 no Brasil foram exigentes com os libertários. Encontravam-se espremidos; de um lado o trabalhismo varguista e a repressão do Estado Novo; do outro, o comunismo ganhava terreno entre a classe proletária. Diante desta realidade, certamente a sua trajetória e seus escritos à época não foram reconhecidos por seus pares e caíram no esquecimento dos frios dados estatísticos. Assim, acabou não sendo lembrado nem pelos anarquistas organizados que sobraram, nem pela atual escrita da história (ou historiografia) sobre o respectivo tema.

Referências

Jornais

Alba Rossa, ano I, n. 7, 8 de março de 1919.
O Amigo do Povo, n. 63, de 26 janeiro de 1904.
Germinal, ano I, n. 10, 13 de julho de 1902.
La Battaglia, n. 137, de 15 de setembro de 1907.
Guerra Sociale, n. 6, 27 de novembro de 1915.

Documentos Consultados

Archivio Centrale dello Stato Roma (ascr), Casellario Politico Centrale (cpc). *Bandoni Angelo*, b. 305, f. 75150.

Arquivo Nacional, Serviços de polícia marítima, aérea e de fronteiras dos estados. *Recadastramento de estrangeiros*, São Paulo, 14-12-1944.

Arquivo Nacional. Serviços de polícia marítima, aérea e de fronteiras dos estados. *Relação de passageiros do vapor città di genova*, Santos, 09-05-1900.

Départamento de la haute-Corse. *Etat civil*. Registre d'état civile: naissances, Bastia, 2 e 225, 1868.

Bibliografia

ANTONIOLI, Maurizio. *Bakounine, Entre syndicalisme révolutionnaire et anarchisme*. Paris: Ed. Noir et rouge, 2014.

_____. et al. *Dizionario biografico degli anarchici italiani*. 2 volumes. Pisa: BFS, 2004.

BERTONHA, João Fábio. *Sob a sombra de Mussolini: Os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919-1945*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 1999.

BIONDI, Luigi. *Classe e nação*. Trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.

_____. *La stampa anarchica in Brasile: 1904-1915*. Tese de Láurea (Historia). Universidade de estudos de Roma La Sapienza. Itália: Roma, 1994.

BLAY, Eva Alterman. *Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: Marieta de Moraes Ferreira e Janaina Amado (org.), *Usos & abusos da história oral*, 8.ed. Rio de Janeiro, FGV, 2006.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris. *A Imprensa Confiscada pelo DEOPS*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CODELLO, Francesco. *“A boa educação”*: Experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neill. Vol. 1: a teoria. São Paulo: Imaginário, 2007.

FEDELI, Ugo. *Gigi Damiani*. Note biografiche: il suo posto nell'anarchismo. Cesena L'Antitato, 1954.

FELICI, Isabelle. *Les italiens dans le mouvement anarchiste au Bresil: 1890-1920*. Tese (doutorado) - Université de la Sorbonne Nouvelle-Paris III. Paris, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*; história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1983.

GALLO, Sílvio. Anarquismo e educação libertária: os desafios para uma pedagogia libertária hoje. *Revista de Ciências Sociais*, n. 36, p. 169-186, abril de 2012.

GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. Memórias. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GONÇALVES, Aracely Mehl. A trajetória e o pensamento educacional de Francisco Ferrer y Guardia. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 30, p. 39-58, mar. 2007.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos impérios (1875-1914)*. 16ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

KHOURY, Yara Maria. *Edgard Leuenroth, uma voz libertária: imprensa, memória e militância anarco-sindicalista*. São Paulo: USP, 1989.

- LEAL, Claudia Feierabend B. *Pensiero e dinamite: anarquismo e repressão em São Paulo nos anos 1890*. Tese (doutorado em História), IFCH, Unicamp. Campinas, 2006
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- LEVY, Carl. *Gramsci and the Anarchist*. New York: Berg, 1999.
- LOPREATO, Christina da Silva. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. Campinas: 1996.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da micro-análise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998
- MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro: 1890-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- NASCIMENTO, Rogério H. Z. *Florentino de Carvalho: pensamento social de um anarquista*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.
- PARIS, Robert. As origens do fascismo. Tradução de Elisabete Perez. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- PERNICONE, Nunzio. *Italian Anarchism, 1864-1892*. New Jersey: Princeton Legacy Library, 1993.
- PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *Libertários no Brasil: memória, lutas, cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- REVEL, Jacques. Micro análise e construção social. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da micro-análise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- REY, Didier. Historique des migrations en Corse depuis 1789. In: PESTEIL, Ph (Org.). *Histoire et mémoires des immigrations en région Corse*. Corte: Université de Corse – Pascal Paoli, 2008
- ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori*. Uma aventura anarquista. São Paulo: Annablume, 2002.
- _____, Uma reflexão sobre biografia e subjetividade na história, In: *Revista de História e Estudos Culturais*, n.º 1, vol. 13, ano XIII, pp. 1-20, junho de 2016, p. 19.
- SAMIS, Alexandre. Pavilhão negro sobre pátria oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil. In: COLOMBO, Eduardo; COLSON, D. et al. *História do movimento operário revolucionário*. São Paulo: Imaginário; São Caetano do Sul: IMES, Observatório de Políticas Sociais, 2004 p. 137.
- TETI, Vito. Emigrazione, alimentazione, culture popolari. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (a cura di). *Storia dell'emigrazione italiana: partenze*. Roma: Donzelli Editore, 2001.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*, vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- _____. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico*. Um século de imigração italiana ao Brasil. São Paulo: Nobel, 1989.
- GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. Memórias, 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

¹ Sobre Gigi Damiani: Ugo Fedeli, *Gigi Damiani. Note biografiche: il suo posto nell'anarchismo*, Cesena L'Antitatu, 1954; sobre Oreste Ristori: Carlo Romani. *Oreste Ristori: Uma aventura anarquista*, São Paulo, Annablume, 2002; e sobre Edgard Lourenth: Yara Maria Khoury, *Edgard Leuenroth, uma voz libertária: imprensa, memória e militância anarco-sindicalista*, São Paulo, USP, 1989.

² Département de la haute-Corse. *Etat Civil*. Registre d'état civile, naissances, Bastia, 2 e 225, 1868.

-
- ³ Essa informação consta de seu Registro de Estrangeiro: Arquivo Nacional. *Serviços de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras dos estados*. Recadastramento de Estrangeiros, São Paulo, 14-12-1944.
- ⁴ Département de la haute-Corse. Etat Civil. Registre d'état civile: naissances, Bastia, 2 e 225, 1868.
- ⁵ Département de la haute-Corse. *Etat Civil*. Registre d'état civile: naissances, Bastia, 2 e 225, 1868.
- ⁶ Archivio Centrale dello Stato Roma (ASCR), Casellario Politico Centrale (CPC). Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150.
- ⁷ Archivio Centrale dello Stato Roma (ASCR), Casellario Politico Centrale (CPC). Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150.
- ⁸ Archivio Centrale dello Stato Roma (ASCR), *Casellario Politico Centrale (CPC)*. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150.
- ⁹ Arquivo Nacional. *Serviços de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras dos estados*. Relação de passageiros do vapor Città di Genova, Santos, 09-05-1900.
- ¹⁰ 'Angelo Bandoni' In: ANTONIOLI, 2004.
- ¹¹ Arquivo Nacional. *Serviços de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras dos estados*. Recadastramento de Estrangeiros, São Paulo, 14-12-1944
- ¹² Todo o apanhando sobre os periódicos de Bandoni foram retirados da tese Isabelle Felici (1994).
- ¹³ BANDONI, Angelo. *La fatalità storica della Rivoluzione sociale*, São Paulo, 1921.
- ¹⁴ Angelo Bandoni, *Nuovo giornale*, Germinal, a. I, n. 16, 4 outubro de 1901.
- ¹⁵ Uma outra crítica feita por Bandoni em relação aos sindicatos: "L'anarchico sindacalista", Angelo Bandoni, *Guerra Sociale*, n. 6, 27 de novembro de 1915, p. 4.
- ¹⁶ Essa expressão foi retirada de um artigo do anarquista Florentino de Carvalho, ver: "Pro e contro il Sindicalismo", *Guerra Sociale*, n. 10, 11 de dezembro de 1915, p. 3.
- ¹⁷ *Alba Rossa*. São Paulo, ano I, n. 7, 8 mar. 1919, p. 1.
- ¹⁸ *O Amigo do Povo*, n.º 63, de 26/1/1904.
- ¹⁹ *La Battaglia*, n.º 137, de 15/09/1907.
- ²⁰ Em janeiro de 1921, em razão da grande onda de greves gerais nas maiores capitais do país (1917 e 1919), foi editado o decreto n.º 4.247, que visava regulamentar a entrada e permanência de estrangeiros no território nacional. A permanência poderia ser obstada por meio da expulsão o qual já vinha acontecendo desde 1907 com a primeira Lei Adolpho Gordo (Lei de expulsão de estrangeiros considerados subversivos).
- ²¹ Arquivo Nacional. *Serviços de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras dos estados*. Recadastramento de Estrangeiros, São Paulo, 14-12-1944.
- ²² 'Angelo Bandoni' In: ANTONIOLI, 2004.